

A VERDADEIRA RELIGIÃO SEGUNDO SANTO AGOSTINHO

João Ricardo de Moraes

Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas
Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
joao.rm@puc Campinas.edu.br

Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

Teologia Contemporânea
Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
paseologo@puc-campinas.edu.br

Resumo: Santo Agostinho, importantíssimo pensador cristão escreveu a obra *A Verdadeira Religião* (391 d.c) em que apresenta o caminho da “via interior” no encontro do homem com Deus, valorizando toda a criação e apresentando o necessário combate ao mal para que o homem alcance a verdadeira beata vida. Martin Heidegger, por sua vez, interpretou essa “via interior” com a idéia de experiência de vida fática (*Faktische Lebenserfahrung*) aplicada na análise da experiência religiosa inferida do livro X das *Confissões* (397) do pensador de Hipona. Neste sentido, poder-se-ia perguntar: seria a “via interior” um caminho de experiência religiosa que prescinde da Instituição religiosa? Seria a experiência religiosa um encontro entre Deus e o homem a partir do olhar humano para si mesmo? Diante dessas questões, objetiva-se compreender o significado da experiência religiosa na obra supra mencionada.

Palavras-chave: Deus, via interior, experiência de vida fática.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - Teologia e Ciências da Religião - PIBIC/CNPq.

1. INTRODUÇÃO

Santo Agostinho (354-430), um dos maiores pensadores cristãos do ocidente, escreveu a obra *A Verdadeira Religião* por volta dos anos 390, logo após sua conversão ao cristianismo em 387. Nessa obra, o filósofo demonstra os valores e princípios do pensamento cristão em um estilo apologético contra as doutrinas pagãs de sua época. O autor mostra a necessidade dos homens de aderir à verdadeira religião cristã, porque ela possui em si o verdadeiro caminho para a salvação que pressupõe o combate dos pecados humanos que decorre durante a vida, denominadas também de concupiscências do homem. Agostinho aborda também esse mesmo tema do pecado e da religião na obra *Confissões*, embora de maneira diferente. Neste segundo momento, não vemos mais os combates apologéticos de outrora, mas notamos o desejo que Agostinho tem de compreender o pecado como tensões da própria vida mediante a experiência religiosa que se dá na via interior de si mesmo.

Martin Heidegger (1889-1976) analisa o livro X das *Confissões* mediante o método fenomenológico e observa que Agostinho faz a experiência religiosa através da própria experiência de vida fática. Vemos aí uma passagem significativa entre um Agostinho apologético na obra *A verdadeira religião*, e depois um Agostinho que trata os mesmos pecados como tensões da própria vida na experiência religiosa. Sendo assim, o filósofo africano demonstra nas *Confissões* a busca de se encontrar com Deus, que é a *beata vida*, através da via interior, onde Heidegger interpreta como *faktische Lebenserfahrung*.

O presente artigo tem objetivo em apresentar no primeiro momento a abordagem que Agostinho faz na obra *A Verdadeira Religião* sobre o conceito de religião e pecado. No segundo momento, abordaremos a obra *Confissões* e a especificidade do livro X onde encontramos os conceitos fundamentais como a memória, as tentações e o cuidado com a moléstia. No terceiro momento, iremos demonstrar a passagem do pensamento agostiniano de sua primeira obra para as *Confissões*, isto é, iremos expor a passagem da experiência religiosa institucional presente na primeira obra para a via interior presente no Livro X, e a passagem do pecado para as tensões contidas na própria vida humana. Desta maneira, no mesmo momento, exporemos a análise que Heidegger infere dessa experiência religiosa, como caminho da via interior contida no livro X, no qual o autor alemão interpreta como experiência de vida fática, e analisa os principais conceitos contidos no livro X das *Confissões*.

2 A VERDADEIRA RELIGIÃO

Neste escrito é notório observar o anseio que o autor tem em demonstrar aos pagãos, principalmente ao seu amigo Romaniano, que ainda se encontrava na seita maniqueia, a doutrina cristã para a qual se convertera depois de muitos anos professando o maniqueísmo. Agostinho demonstra a grande influência que recebera da corrente filosófica neoplatônica de Alexandria, principalmente do filósofo Plotino, cujos pensamentos tiveram participação na conversão do pensador de Hipona ao cristianismo. Tam-

bém é notório observar neste escrito alguns resquícios do pensamento maniqueu quando Agostinho faz uma leitura apologética da doutrina cristã.

A obra é escrita de forma apologética, na tentativa de mostrar que a verdadeira religião, neste caso a religião cristã, denominada também de católica, possui um conjunto de cultos, doutrina e moral capaz de levar o homem à felicidade. Ao contrário dos pagãos, que tentam buscar a mesma felicidade, mas não conseguem encontrá-la verdadeiramente porque buscam a mesma através de vias equivocadas. A doutrina pagã é ambígua porque em seu interior os participantes não demonstram unidade de culto ou de crenças. Os sacerdotes adoram os deuses dos povos quando estão juntos com eles no templo, mas em particular, no seu íntimo, os mesmos sacerdotes adoram os outros deuses, isto é, os seus próprios deuses. Isso decorre porque os filósofos e os sacerdotes se divergem do povo, pelo simples fato de conhecerem a verdadeira natureza dos deuses que adoram. Já o povo, ao contrário, não sabe da natureza de seus deuses. Dá-se isso principalmente porque os filósofos e os sacerdotes não pronunciam publicamente as suas verdadeiras crenças, porque uma vez pronunciado no templo poderia romper a unidade pagã.

Com essa premissa, Agostinho começa a demonstrar os motivos plausíveis pelos quais é interessante a adesão à verdadeira religião, assinalando seus três traços fundamentais: a universalidade, a comunhão e o aspecto histórico. O primeiro fundamento denota que a igreja é católica (no sentido de universalidade) porque os fiéis e até mesmo os pagãos a consideram como tal. O segundo traço demonstra o sinal de comunhão, porque os seus cultos, as doutrinas e as práticas morais demonstram unidade entre si. E por fim, a verdadeira religião é histórica porque a história possui em si um sentido. É na história que as criaturas vivem, e é nas criaturas que a Trindade deixa seus vestígios ontológicos como: a unidade, a forma e a ordem. Nesse sentido, a história possui aspectos de santidade, o que exprime a tentativa de Agostinho em racionalizar o mistério da Trindade pela investigação dos vestígios de Deus nas criaturas.

Na primeira parte da obra, o autor aborda os grandes temas que irá discutir sobre a essência desta verdadeira religião. Esta é reconhecida como católica por ser universal, esse consentimento não vem somente dos fiéis que a seguem, mas também dos adversários da mesma. A verdadeira religião, isto é, a Igreja católica é assim denominada até mesmo pelos próprios cismáticos e hereges. A essência des-

ta religião constitui a restauração divina da humanidade realizada na história. Para aderir a essa restauração é necessário crer na verdadeira religião, confiando inteiramente na autoridade divina. Os homens que contrariam essa afirmação demonstram, segundo Agostinho, um erro em matéria religiosa, ou seja, a alma deles se afasta do Deus imutável e apega-se à vida temporal.

Na segunda parte, Agostinho aborda a questão do mal de forma apologética através do combate contra os maniqueus. Estes acreditam numa cosmogonia dualista do bem e do mal que rege o universo. No decorrer do texto, o bispo de Hipona é contra essa teoria demonstrando o monismo principialista cristão. Todos os corpos possuem certo equilíbrio e certa beleza, porque quem os criou é o princípio de ambas. Todas as coisas vivas derivam de um único criador que é a suma vida. Esse criador é Deus, o autor da vida. Entretanto, se a vida inclina para a morte não é por desígnio de Deus, mas sim do desvio voluntário contra a ordem do criador. Na morte não morre todo o ser inteiramente, morre somente o corpo material porque este está mais longe da pura essência. Ao contrário da matéria, temos no ser a alma que é imortal, pois ela está mais próxima da essência, ao menos que essa alma que pelo gozo material abandona a Deus, aí neste caso a alma tende para o nada. O mal, portanto, consiste no abuso do livre arbítrio humano que fora oferecida pelo criador, e o abuso dessa liberdade tem como castigo o pecado. Depende do homem desviar-se da desagregação orientada para o nada, opondo-se através de um contínuo esforço para voltar à unidade que vem somente do criador. Todavia, Agostinho destaca que no próprio castigo do mal, o pecado, Deus, por sua infinita misericórdia, nos deu o remédio. Essa dádiva é o seu filho Jesus Cristo, o único que pode efetuar o retorno do múltiplo e mutável ao uno imutável.

Tudo o que Deus criou é bom, Ele fez as coisas do nada e toda a Sua criação é boa e bela. Mas de onde vem o mal, e qual é a sua origem? Essa pergunta surge na terceira parte da obra. Agostinho aprofunda a sua reflexão sobre a doutrina do mal, tentando demonstrar que o mesmo não é criação divina, entretanto ela existe na criação porque a mesma não possui o ser em absoluto. Somente Deus é invulnerável ao mal porque Deus é a substância perfeita, é o Ser em absoluto. Como na criação, os seres humanos, os animais e todos os seres vivos não possuem o ser em plenitude porque estes estão num processo de vir-a-ser constante. Então estes estão vulneráveis à deterioração e à defectibilidade, ou seja, eles estão sempre vulnerá-

veis ao mal. Portanto, o mal é a má intenção ou desvio daquilo que está sempre no processo do vir-a-ser. Não obstante, a cura desse mal sempre é possível, porque o universo do vir-a-ser é bom. Neste capítulo, Agostinho tenta de forma apologética demonstrar que o mal, apesar de existir, não é uma substância, mas sim um abuso da liberdade das criaturas. No caso do homem, o mal existe quando o mesmo abusa de sua liberdade apegando-se aos bens temporais e esquecendo o seu lado espiritual que sempre aponta para o bem eterno. Também nesse capítulo, Agostinho reflete sobre o pecado. O pecado vem do próprio homem, podemos dizer que o pecado é o castigo pelo mal realizado pelo próprio homem. O pecado não está nos objetos ou nas coisas, porque a criação é boa, mas o pecado está na intenção errônea e imprudente que o homem faz desses objetos em sua vida.

A cura do pecado e a restauração do homem são sempre possíveis em função da salvação empregada por Deus através de dois caminhos: o da autoridade e o da razão. A quarta parte demonstra a salvação pela fé na autoridade, que é a Igreja Católica. A autoridade, antes de tudo, exige que o homem tenha a fé, para que depois possa o prepará-lo para a reflexão. Mas pode surgir uma dúvida na pessoa: como eu sei que essa autoridade é verdadeira? Agostinho demonstra que essa autoridade já vem antes de a Igreja Católica ser constituída, quando Deus apontava o caminho da salvação na história através dos profetas, culminando com a encarnação de Jesus Cristo e se estende até nós através da Igreja. É necessário, portanto, que o homem faça adesão através da sua fé, á Igreja Católica num ato de confiança, pois a autoridade existe porque somos seres temporais e necessitamos de uma pedagogia espiritual mergulhada no temporal. Essa pedagogia divina temporal nos leva à salvação, e não foi instituída para os sábios, mas sim para os crentes. Deus, através da autoridade, educa não somente o indivíduo como bom pedagogo, mas todo o gênero humano. Neste capítulo, Agostinho demonstra as diversas idades do homem velho e do homem novo. O homem velho é aquele que é apegado ao exterior, ao mundo terreno, ao pecado, portanto, o seu fim será a morte. Já o homem novo é aquele que escuta o interior de si, o homem espiritual e o da justiça, cujo fim, conforme a definição de Agostinho, será a vida eterna, já que ele buscou a salvação na sua vida temporal.

A salvação, como demonstramos no parágrafo anterior, se dá através de dois viés: o da autoridade e o da razão. Esta última é trabalhada por Agostinho na quinta parte, a salvação pela razão. O

autor demonstra até onde a razão humana pode ascender, ou seja, até onde ela pode ir, do visível ao invisível, do temporal ao eterno. É certo que, de todas as criaturas, o homem é superior porque possui em si capacidade de raciocinar. O ser racional não julga somente a respeito dos objetos sensíveis, mas também os seus próprios sentidos. Sendo assim, Agostinho demonstra que a vida sensitiva é superior ao corpo inorgânico, e a vida racional é superior a ambos. E, acima de toda racionalidade, somente Deus. A razão humana tem a capacidade de transcender o tempo e o espaço, ela trabalha os sentidos reais e tenta fazer destes sentidos um modo harmonioso. Mas, de onde vem essa harmonia que só a capacidade racional concebe? Agostinho responde que essa harmonia vem através da unidade na qual somente esta é que assegura a integridade e a beleza das coisas. A unidade primeira reflete nas outras unidades, ela não é percebida por nenhum sentido porque não é corporal, mas é percebida por uma intelecção do espírito. A razão é a capacidade mais próxima da intuição. Esta última possui a capacidade da percepção da Verdade. A razão, portanto, tem a capacidade de trabalhar no homem a transcendência do múltiplo mutável ao Uno imutável e à Verdade.

Na sexta parte da obra, Agostinho apresenta a tríplice restauração operada pela reflexão. Esta restauração se remete aos adoradores do próprio eu, que Agostinho chama de escravos do próprio eu, pois adoram a tríplice concupiscência em seu ser. Essa tríplice são: do prazer, da soberba e a da curiosidade. Essa adoração errônea se origina desde o primeiro homem, tendo a ver com o primeiro pecado: o mau uso do seu livre arbítrio. Ao invés dos homens adorar somente ao Deus que os criou, eles começaram a adorar a sua própria alma, depois começaram a contemplar a vida fecunda, e assim chegaram até a contemplação dos animais que são seres puramente materiais desprovidos da alma. Quando chegaram a esse nível, outros homens começaram a adorar seres materiais belos como os astros, o firmamento e a atmosfera terrestre. Todos esses estão adorando as criaturas de Deus e não o próprio Deus. E isso é idolatria, adorar a criatura e não o criador, viver uma vida errônea longe da Verdade. Deus criou o homem para contemplar a Verdade e não aquilo que se parece com a Verdade. Tudo isso acontece porque o homem se distancia do Deus que os criou e se apega a seu eu, ou seja, em sua própria concupiscência. Entretanto, Deus mandou seu Filho como remédio para esses pecados da carne e Cristo a venceu quando estava no deserto. Quando o diabo tentou Cristo mandando-o transformar as pedras em pães,

e Cristo disse: não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus; no prazer da soberba quando o diabo queria Lhe dar tudo se o adorasse, e Cristo replica que “somente ao Senhor teu Deus o adorarás, e somente a Ele prestarás culto”; e por último, a tentação da curiosidade quando o diabo tenta Jesus a se jogar do alto do Templo, e Cristo diz: não tentarás o Senhor Teu Deus (Mt 4,1-10). Todas as tentações da carne foram vencidas por Cristo. Então cabe-nos também vencê-las através do exemplo do próprio Filho de Deus. Aquele que se alimenta verdadeiramente da palavra de Deus, não tem a necessidade de viver uma vida de prazer. Aquele que vive na submissão do verdadeiro e único Deus não necessita de vanglória na vida terrena. E por último, aquele que vive somente da Verdade que vem do Criador, não necessita em saber das coisas visíveis e materiais e de experiências temporais e inferiores, porque este vive somente da Verdade única que é o próprio Deus que dispensa todas as curiosidades terrestres. Na conclusão, Agostinho exorta a Romaniano e aos amigos de Tagaste que somente a verdadeira religião nos conduz à Verdade que é a Trindade de substância única de quem os homens recebem o dom único de ser, e é por Ele que existimos e de quem somos.

3 O LIVRO X DAS CONFISSÕES

A obra *Confissões* foi escrita provavelmente entre os anos de 397 e 398. Ela é composta de treze livros, que podemos dividi-la em trez partes: a primeira parte contém os livros I-IX onde Agostinho relata sua vida desde a sua infância, através de acusações e culpas que cometera no passado errôneo, e também agradecimentos a Deus pela misericórdia que Lhe concedeu durante toda a sua vida; na segunda parte temos o livro central de sua obra, o livro X. Ao contrário dos livros anteriores que relatava de seu passado, este relata o seu presente e analisa com perspicácia psicológica sua posição ética e religiosa no momento em que redige; a terceira parte é composta pelos livros XI- XIII que traz o comentário do livro do Gênesis no qual são abordados alguns temas através de posições alegóricas sobre Deus, o mundo, o tempo e a eternidade que culmina em louvores à grandeza e bondade ao Deus Criador.

No livro X, observamos três conteúdos fundamentais que são: A memória, presente entre os capítulos oitavo ao vigésimo nono, onde o autor expõe a importância desta para se chegar a Deus, pois a memória abarca toda a existência do homem, e nela estão presentes todos os nossos afetos e sen-

timentos. É somente através dela que temos o acesso à alma, onde buscamos aquilo que devemos buscar, ou seja, o próprio Deus que é *vita vitae*.

As tentações, ou concupiscências, estão confessadas entre os capítulos trigésimo ao quadragésimo. A concupiscência da carne é caracterizada pelo desejo do sentir os aromas agradáveis e de viver as coisas belas. A concupiscência dos olhos é caracterizada pelas curiosidades frívolas despertadas no homem, ela contrapõe o desejo de conhecimento das coisas belas, da verdade. A concupiscência da soberba entra no jogo da possibilidade do agir humano no mundo em que o homem está inserido, ou seja, no âmbito secular. O cuidado com a moléstia consiste saber lidar com as tentações e os prazeres da vida.

4 A PASSAGEM DA VERDADEIRA RELIGIÃO PARA O LIVRO X E A CENTRALIDADE DA EXPERIÊNCIA DE VIDA FÁTICA

Ambas as obras tratam de temas de relevância filosófica e teológica: Deus, homem, religião e a tríplice tentação com que todo homem convive em sua vida. Como demonstramos acima, essa tríplice tentação Agostinho nomeia por concupiscência. Destarte, na obra as Confissões, no livro X, essas concupiscências serão denominadas como tentações da própria vida.

Na obra *A Verdadeira Religião*, observamos um Agostinho ainda na fase aprendizado da fé cristã. Neste escrito, o autor demonstra a presença de Deus na exterioridade de si, ou seja, essa presença divina está na verdadeira religião que é a religião cristã. Essa afirmação é fundamentada através da História Sagrada passando pelos profetas até culminar na encarnação de Jesus Cristo e na fundação de sua Igreja que a primeira vista é demonstrada como atemporal, por não pertencer a este mundo sensível, e depois apresentada de modo temporal. É no modo temporal que Agostinho mais se preocupa nesta obra, demonstrando que a Igreja, ou a verdadeira religião, é a concretização da restauração divina da humanidade que se realiza na história humana. É a verdadeira religião que nos leva à *Beata Vita*, cujo alcance exige que o homem através da via da autoridade exercida na verdadeira religião (Igreja católica universal) por funções pedagógicas, e pela via da razão, aniquile o mal em seu ser que é a concupiscência. Deste modo, Agostinho, apesar de fazer uma reflexão plausível dos conceitos cristãos, ainda tem em seus escritos traços do pensamento maniqueísta

ao abordar com veemência e dualismo a doutrina cristã.

Na obra *As Confissões* de caráter autobiográfico, observamos um Agostinho com forte influência neoplatônica no raciocínio filosófico ao abordar alguns temas de importante relevância de sua vida. Ao contrário da primeira obra analisada onde aparecem fortes tendências maniqueias, onde os temas eram tratados com um alto rigor moral, nas *Confissões*, principalmente no Livro X, os mesmos temas são apresentados de modo mais sereno. Na primeira obra, Agostinho trata a tríplice tentação, vencida por Cristo no deserto, como pecado que deve ser aniquilado. Já nas *Confissões*, o mesmo autor demonstra essa tríplice tentação como tensões que o ser humano vive no seu dia a dia na sua existência. Sobre a religião em que Deus está presente na mesma, Agostinho demonstra que Deus apresenta ao homem exteriormente na verdadeira religião.

Entretanto, mais especificamente no Livro X, Agostinho demonstra que Deus reside no interior do ser do homem. Assim sendo, Deus está presente na memória, porque é somente através dela que se busca a Deus, a *beata Vita*. Este estudo das duas obras permite-nos entender a evolução do pensamento agostiniano no que se refere aos conceitos do cristianismo que o autor amadureceu num período de no máximo quinze anos. Pode-se verificar, todavia, a maturidade e evolução do pensamento de Agostinho ao abordar os temas nestas duas obras estudadas. Na primeira o autor era um neoconvertido, na segunda o próprio autor já é bispo, sucedendo o Bispo Valério, carregando em si a grande responsabilidade de lidar consigo e com o seu rebanho em Hipona, implicando numa plena maturidade que fica patente nas suas reflexões contidas nas *Confissões*.

Martin Heidegger analisa o livro X como a centralidade de toda a obra das *Confissões*, pois ali estão contidos relatos e reflexões da vida presente do pensador de Hipona, como experiência de vida fática. Heidegger não pretende analisar o pensamento agostiniano através de um método histórico-crítico, histórico-dogmático ou uma filosofia que contribui para uma filosofia da cultura. Sua análise se efetiva através do método fenomenológico, inferindo deste livro alguns conceitos-chaves que demonstram um Agostinho como um pensador que lida com as tensões da vida, procurando um caminho para compreendê-las melhor. O livro X é um diálogo entre o próprio autor e Deus na vida presente. É nesse diálogo que Heidegger se interessa, pois ali contém a centralidade da obra, onde observamos um Agostinho que

busca a Deus através de sua experiência religiosa sem desvincular da própria experiência de vida.

Por apropriar-se da fenomenologia, Heidegger analisa o livro X de modo muito meticuloso, examinando as palavras originais e a situação hermenêutica do texto agostiniano. Começa por interpretar os sete primeiros capítulos do livro, onde Agostinho demonstra o motivo de se confessar diante de Deus e dos homens. Esse confessar leva Agostinho a apresentar o saber sobre si mesmo, e demonstra que a única coisa que ele tem segurança é o amor a Deus. Seguro deste amor, Agostinho começa a fazer uma análise da sua vida presente, partindo do amor para com Deus. Entretanto, ele só sabe o que é o amor porque já amou alguma vez, já teve essa experiência. E é essa experiência que importa para Heidegger no que diz respeito à vida religiosa vivenciada através da própria existência.

Nos capítulos oitavo ao vigésimo nono, Agostinho demonstra um conceito importantíssimo para a compreensão de si e de Deus em sua vida, a memória. Ela é a correspondência da alma, aquela que nos faz recordar algo já vivenciado, que nos faz viver o presente conscientemente e, também, nos faz antecipar o futuro, fazendo lembrar alguma coisa que devemos fazer em longo ou curto espaço de tempo. Ela abarca toda a totalidade da existência, mesmo que o próprio homem não tenha consciência desta totalidade. É na memória que está a possibilidade de buscar aquilo que o homem sempre deseja buscar: Deus. Também está nela a força da vida, e é ela que nos impulsiona para frente, para a possibilidade e intencionalidade da objetividade da existência. A memória não possui apenas a função de recordar ou ordenar a vida, mas de relacionar esta vida com sua própria existência presente, marcada pelos seus afetos e tensões.

É a partir do capítulo vigésimo do livro X que Heidegger debruça sobre o conceito de *beata vita* que é a busca de Deus que todo ser humano faz no percurso de sua vida. Todo homem busca a felicidade, mas geralmente, esta felicidade não é buscada pela via da verdade, ficando sempre no mundo sensível, levando o próprio homem a uma felicidade efêmera, mundana. Entretanto, Agostinho demonstra que a verdadeira busca do buscado é Deus, e ela se dá verdadeiramente através da *beata vita*. Mas o que é a *beata vita*? Ela é aquilo que todos buscam na vida, a verdadeira felicidade. A *beata vita* não é algo sensível, mas não insensível. Todavia, essa busca não se faz fora da existência, pelo contrário, é na experiência do existir que eu a busco. Ela é possuída de esperança no seu buscar sendo despertada através

da memória. A busca por Deus, portanto, se efetiva no interior do homem e não em seu exterior, pois está na memória o caminho para a *Beata Vita* que é a verdade feliz, a verdade com Deus, a verdade existencial da vida fática.

Essa busca incansável de Agostinho pela *Beata Vita* propiciou que Heidegger afirmasse que essa busca da verdade que é Deus não está fora da memória. Afirmou-se também que na medida que se busca a Deus, atinge-se a *Beata Vita* que não está no exterior do homem, mas em seu interior. Nesta condição de busca e na sua identidade de saber que ama, Agostinho chega ao reconhecimento sobre o seu amor: “tarde te amei”. Essa é a expressão máxima do seu reconhecimento, analisado por Heidegger, que tarde também foi o seu nível de reconhecer a experiência fática, experiência no qual ele se colocou em condição de amante. Essa condição só é possível através da experiência de amar.

A forte preocupação que Agostinho demonstra com sua vida, conforme os capítulos vigésimo oitavo ao vigésimo nono do livro X das *Confissões*, Heidegger a denomina pelo conceito *Curare*. Para o pensador de Hipona sua vida é deformada, é um peso para ele, pois na realidade, sua vida é constituída de uma tentação constante. Mediante as vivências das experiências que concebemos em nossa vida, sempre nos deparamos com as possibilidades opostas, e nessas possibilidades não existe um lugar intermediário. Nisto Agostinho é obrigado a se confessar que não sabe de que lado está a vitória. Analisando essa afirmação, Heidegger demonstra que nessa preocupação consta o *curare*, o estar preocupado, preocupado com essas tensões constante que todo homem vivencia nas suas experiências da vida. O *curare* é um cuidado com a vida, ele não elimina as tensões, mas possibilita saber lidar com elas, porque essas tensões são inevitáveis no percurso da nossa existência.

O modo de lidar com as tensões da vida serão relatados quase em todo o livro X. Entretanto o que são propriamente essas tensões que mais afligem Agostinho? Essas tensões são os prazeres da vida, que são vivenciados além das necessidades do homem. Elas só se realizam quando estamos acordados, porque quando dormimos aparecem somente em imagens inertes. São três tentações que impedem Agostinho ao acesso à *beata vita*: da carne, dos olhos e da soberba.

Heidegger, por sua vez, interpreta essas tentações que Agostinho confessa não como um pensador dogmático, mas como um ser que tenta lidar com

elas, pois toda a vida é marcada por tentações. Ou melhor, a vida é tentação. Esse modo de Agostinho confessar significa para Heidegger uma autenticidade da existência fática, pois ele não foge das tentações, pelo contrário, ele as vive e toma decisões existenciais para chegar à *beata vita*, que é seu objetivo. Não tem como enfrentar as tentações sem vivenciá-las, pois elas se encontram na própria experiência da vida fática. É nesse enfrentar que Heidegger encontra a verdadeira experiência religiosa, o de enfrentar o mundo que circunda o próprio homem, mesmo quando as tensões estão presentes, pois, só assim, o homem assume o risco de decidir as contradições das tentações existenciais encontradas na vida. Deste modo, é assim também que ele irá compreender melhor essas tentações e irá saber de que modo resolve-las através das habilidades no próprio funcionamento das tentações presente nas experiências fáticas da vida.

5 CONCLUSÃO

Objetivou-se neste artigo apresentar um resumo da obra *A Verdadeira Religião* onde Agostinho apresenta o caminho da “via interior” como encontro do homem com Deus e apresentar o salto na mudança de pensamento em Agostinho para a obra das *Confissões*. Heidegger, por sua vez, buscou compreender em Agostinho suas experiências religiosas que o pensador cristão confessa no livro X das *Confissões*, e interpretou essas experiências através do conceito de experiência de vida fática. Pois nesses relatos fica claro que é impossível vivenciar uma experiência religiosa abdicando da própria experiência da vida, onde o homem se depara com seus afetos e tensões. A verdadeira autenticidade da experiência religiosa se obtém quando o próprio homem faz sua tomada de decisão diante dos paradoxos das tentações e dúvidas da própria vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIBIC/CNPq e a PUC-Campinas pela oportunidade de participar neste projeto de Iniciação Científica. De modo especial, sou grato ao prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, ao confiar a mim a oportunidade de pertencer ao grupo de pesquisa e pelo seu apoio, motivação e confiança, decisivos para construção deste trabalho.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *A verdadeira religião*. Paulinas: São Paulo, 1987.

_____. *Confissões*. Paulinas: São Paulo, 1984, pp. 249-301.



GONÇALVES, P.S.L. *A religião na pós-modernidade. Análise fenomenológica da vida religiosa*, in *Ontologia Hermenêutica e Teologia*. Santuário: Aparecida (SP), 2011, pp. 59-105.

HEIDEGGER, M. *Fenomenologia da vida religiosa*. Vozes – São Francisco: Petrópolis – Bragança Paulista, 2011.

MATTHEWS, G.B. *Santo Agostinho. A vida e as idéias de um filósofo adiante de seu tempo*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2007.